

ANAIS DA I JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE
PARINTINS PARINTINS
2016

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da I Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>

<facebook.com/latinitates>

Arte da capa: Thiago Godinho

ISBN: 978-85-7883-432-6

E-ISBN: 978-85-7883-431-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2016

Referências Bibliográficas

- CEREJA, William Roberto. *Literatura brasileira: 2º grau*. São Paulo: Atual, 1995.
- DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- GAMA, Basílio da. «O Uruguai», in TEIXEIRA, Ivan, *Obras poéticas de Basílio da Gama*. São Paulo, Edusp, 1996, 189-241.
- GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. «Poema Muburaída, a “glória” do extermínio de uma nação». *Revista Virtual de Letras (RevLet)* 1 (2012).
- WILKENS, Henrique João. *Muburaída ou o triunfo da fé*. Manaus: Biblioteca Nacional/UFAM/Gov. AM, 1993.

“Em busca da Idade Média”: A relação entre História e Literatura através de *O romance de Tristão e Isolda*

Ianna Paula Batista Gonçalves¹⁴
Arcângelo da Silva Ferreira¹⁵

Resumo: O Romance de Tristão e Isolda consiste em um enredo ambientado na Idade Média, a narrativa inscreve a trama no Reinado do Rei Marco. A história dos personagens é marcada por um amor intenso e proibido. A urdidura permite observar as peculiaridades do contexto histórico, por meio de suas representações da realidade social. Dessa forma as diversas estruturas medievais podem ser abstraídas a partir dessa literatura cavalheiresca. Com objetivo de refletir sobre o contexto histórico medieval, problematizamos o livro *O romance de Tristão e Isolda* na intenção de elucidar a literatura como fonte de história. Buscando, assim, indícios de um tempo pretérito. Permitindo, portanto, a interdisciplinaridades de saberes na relação fronteira entre os domínios da Literatura e da História.

Palavras-chave: História, Literatura, Idade Média, Tristão e Isolda.

Considerações Iniciais

¹⁴ Acadêmica do 7º período de História do CESP - UEA

¹⁵ Mestre em Sociedade e Cultura (UFAM); doutorando em História Social na Amazônia (UFPA); Professor do colegiado de História (CESP – UEA).

A literatura cavaleiresca é marcada por narrativas que representam um tempo na história conhecida como Idade Média, na qual seus protagonistas são cavaleiros que vivem fidedignamente para servir ao rei. Inscritos numa sociedade quase estática, na qual está dividida por estamentos: suseranos, vassallos, cleros, servos e pequenos artesãos. Característica de um tempo encontrado na Literatura. Utilizar a literatura como fonte de história, leva ao historiador elucidar outras vertentes para campo o historiográfico. Segundo Ferreira (2009) nas últimas décadas a literatura começou a ser vista como evidência de investigação pelos historiadores, promissora para múltiplas leituras, conexa para o entendimento cultural, suscitando valores sociais, experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo.

Nesta perspectiva, o artigo elege a obra *O romance Tristão e Isolda*, um clássico da narrativa medieval, protagonizado por um casal de amantes que se entrelaçam sobre os desafios submetidos para viver o amor cortes, onde um jovem enfrenta as adversidades políticas e sociais viventes desta época. A obra traduz a vertente literária de uma antiga lenda celta do século IX, uma tradição oral popular, na qual ficou mais conhecida pelos escritos Thomas d'Angleterre, datada em 1175 e por Joseph Bédier, escrita em 1995. A tradução que utilizaremos é de Bédier.

A Historiade em Tristão e Isolda

O Romance de Tristão e Isolda foi escrito baseado em uma lenda celta que era passada pela tradição oral na Europa desde o século IX, sendo um documento contemporâneo ao período medieval, à novela pode ser usada na explicação da dinâmica daquele período, pode mostrar os aspectos sociais, políticos e religiosos nas aventuras das personagens principais. Franco Jr. explica que os conceitos que foram criados sobre o período medieval são resultado do

desprezo indisfarçado em relação aos séculos entre a Antiguidade Clássica e o próprio século XVI, Este se via

como o renascimento da civilização Greco – latina, e portanto tudo que estivesse entre aqueles picos de criatividade artístico – literária [...] não passara de um hiato, de um intervalo. (FRANCO JR. 2006 p, 11).

Nessa perspectiva, o referido historiador rechaça a ideia de “*Idade das Trevas*” por muito tempo consolidado por meio do discurso acadêmico. Na historiografia atualizada é consenso desde a primeira geração da Escola dos Anales, uma ressignificação no conceito de Idade Média, posto que corresponda a um período histórico fecundo: um campo de possibilidades para a investigação histórica. Nesta esteira caracterizada por um processo de gradativas variações culturais. Não é exagero afirmar que os *tempos modernos* não herdeiros das transformações históricas que ocorreram, principalmente, a partir da chamada Baixa Idade Média. Contudo, os eventos elucidados pela literatura em estudo abarcam uma temporalidade na qual as estruturas feudais estão fortalecidas.

Dito corretamente, as aventuras feitas por Tristão e Isolda se passam no reino da Cornualha (região à Sudoeste da atual Inglaterra) entre a queda do Império Romano e a coroação de Carlos Magno. Entretanto, as primeiras transcrições da lenda foram feitas apenas no século XII, sendo que as características que aparecem nas traduções são mais parecidas com o sistema feudal do mesmo século das transcrições, então são inseridas no período que se denomina *Idade Média Central* onde foi marcado pela “*essência do feudalismo – sociedade fortemente estratificada, fechada, agrária, fragmentada politicamente, dominada culturalmente pela Igreja.*” (FRANCO JR. 2006 p, 16).

Para Duby (2009) pela literatura, podem-se observar em cena as diferentes camadas sociais da sociedade, na qual apresentam a diversidade das divisões do espaço habitado, na Europa Feudal. Tempo em que as habitações da nobreza (os castelos) eram espaços fechados, e que o privado era necessariamente perigoso para as relações sociais. A literatura medieval mostra este aspecto privado. Assim Duby assevera que “*a literatura, quando põe em cena camadas diferentes da sociedade, apresenta seguramente uma distribuição e uma diversificação diferentes das divisões do espaço habitado*”. (DUBY, 2009 p. 327).

Se elucidado o enredo do romance, vê-se o protagonista sentir a dor da perda de seus pais quando criança, no instante em que a trama indica que fora criado pelo cavaleiro Rohalt, o qual legítima ser pai de Tristão. Foi sequestrado por comerciantes irlandeses e depois deixado na Cornualha, lugar onde encontrara o Rei Marco. O pai adotivo reencontra Tristão e conta-lhe sobre sua verdadeira origem, que seu pai era Rivelen e sua mãe, Blanchefleur, irmã do rei Marco.

Nesta conjuntura o rei Marco estava em dívida com a Irlanda e Tristão dispõe-se a lutar com um gigante Morholt, o jovem vence a batalha, no entanto fica gravemente ferido pela espada do adversário. Tristão pediu então ao rei que o colocasse em um barco e que o deixasse morrer em mar aberto. À deriva do mar, este é levado às costas da Irlanda. Observa-se, que nesta passagem da narrativa, Tristão segue os moldes do homem medieval, amalgamado na relação de suserania e vassalagem.

Os caminhos de Tristão e Isolda entrelaçam-se quando ele é salvo pela jovem, curando seus ferimentos, possibilitando a volta de Tristão a Cornualha. Tempos depois, ele volta com a missão de levar Isolda ao rei Marco, enfrentando um feroz dragão, assim ganhando a mão da moça, Isolda, surpreende-se ao saber que seu futuro marido não seria Tristão e sim o rei Marco. Para despertar o amor, a serviçal de Isolda, Brangia, dá-lhe uma porção aos jovens que mais tarde será culpada pelo ato. Verifica-se a lealdade que a mesma tem com Isolda, pois se sente responsável pelo triângulo amoroso e ajuda os dois a se encontrarem.

O amor entre Tristão e Isolda logo é despertado, e tonam-se amantes. A jovem casa-se com o rei, mas Tristão e Isolda dão continuidade ao romance. No drama, o romance proibido dos jovens é descoberto e o rei manda Tristão ir embora, porém nada foi provado. Tristão foi testado inúmeras vezes a provar sua lealdade ao rei Marco, constata-se nesta narrativa a utilização do *ordálio*, prática usada na Idade Média para que o acusado passasse por diversas provas físicas para provar sua inocência, Tristão conseguia se sobressair das acusações de adultério e deslealdade. E assim, o jovem casal vivia em constantes provações e emboscada, uma delas o rei

simulou uma viagem para flagrantear os amantes, no entanto Brangia alerta sobre os perigos.

Não satisfeitos, os barões continuaram a perseguir Tristão até que um dia flagraram o jovem com Isolda sobre o leito do rei Marco, o rei manda mata-lo, Tristão com a ajuda de Deus consegue fugir, e a moça entregue aos leprosos. Salva por seu amado foi levada para viver na floresta. O tempo passa, e Marco descobre o paradeiro dos dois e vai atrás deles, quando os encontra fica surpreso ao ver os dois jovens deitados juntos com uma espada nua separando seus corpos, diante do que foi visto, o rei perdoa os jovens.

Algum tempo depois, Tristão conheceu outra Isolda, a das mãos brancas e com ela viveu uma intensa paixão, iludida por Tristão, submeteu-se a viver apenas com os carinhos do jovem cavaleiro, casaram-se, e para Tristão o casamento seria uma forma de esquecer Isolda, a Loira, o *amor cortês* reaparece, mas essa união acabou fracassando. Descobrimo que estava sendo enganada, começou a mentir, a mentira de Isolda, a das mãos brancas levou Tristão e em seguida Isolda, a Loira à morte.

Ao analisarmos o romance, aparecem os principais aspectos daquele período, como a *consolidação dos feudos*, que seriam o principal regime de exploração naquele período, à *obediência dos vassallos* aos seus senhores. Ora, no romance o Rei Marcos tem como seus conselheiros, que são os seus barões, na época feudal, a fragmentação política que seguiu o período Carolíngio (768 – 814) fortaleceu a nobreza das regiões, nesse caso, a legitimação do poder real seria a forma de controle do rei para todo o seu domínio, a ligação dos nobres com o rei servia também para a defesa do reino, como é contado no início da trama, quando há uma guerra entre o pai de Tristão e um conde de uma região vizinha. Naquela época, as disputas seguiam os princípios redigidos pela Igreja, e que envolvia pequenas batalhas. Os combates conhecidos são poucos, como explica Franco Jr.

A guerra feudal era feita por pequenos bandos de guerreiros de elite, cavaleiros [...] Apesar dos laços de vassalagem e de parentesco, uma luta entre dois grupos

de nobres feudais envolvia geralmente poucas dezenas de guerreiros raramente algumas centenas (FRANCO JR. 2006 p, 26).

No aspecto privado, o romance é analisado através dos lugares que aparecem no decorrer do enredo. Como os leitos, onde os encontros de amor entre o casal ocorrem, as ações neste cômodo são. Os romances medievais usam deste aspecto, principalmente nas novelas de romance e amor cortês (DUBY, 2009 p. 331).

Considerações Finais

Esta obra é fundamental para representar a Idade Média, elucidando a *sociedade cavaleiresca*, as questões abordadas pelo viés literário narram ações ideológicas, culturais e sociais presentes nelas que podem ser verificadas e apropriadas como fonte para historiografia. Segundo Ferreira (2009) toda ficção está enraizada na sociedade, pois em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias, desejos, explorando ou inventando formas de linguagem. Assim, por meio da Literatura os escritores instigam a investigação, inscrevem eventos críveis. O historiador por sua vez toma para si a busca de analisar a historicidade da obra.

Em *O romance de Tristão e Isolda*, pode-se intuir a Idade Média em suas oprimidas vertentes, do amor cortês, as questões socioeconômicas. Tempo medieval que ainda permanecem presente na ficção e nas narrações de grandes escritores romancistas como William Shakespeare, em Romeu e Julieta que se inspirou nos versos do poeta Artur Brooke, que por sua vez inspirou-se em Tristão e Isolda. Richard Wagner, famoso compositor alemão criou uma ópera em três atos ao romance, baseado nos contos celtas, assim como outros de igual relevância. Enfim, o romance em estudo é fonte fecunda para a compreensão da realidade social inscrita na Idade Média Central.

Referências Bibliográficas

BÉRDIER, Joseph. *O romance de Tristão e Isolda*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DUBY, Georges. *História da Vida Privada 2: Da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEREIRA, Antônio Celso. «Literatura: fonte fecunda». In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média, nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense. 2006.